

do **corpo** às **raízes**

Ginecosofia

San Martín, Pabla

Do corpo às raízes : uso de plantas medicinais para a saúde sexual e reprodutiva / Pabla San Martín, Inés Cheuquela, Carla Cerpa ; tradução Aline Veingartner. -- 1. ed. -- São Paulo, SP : Nomear Cultura Criativa, 2023.

Título original: *Del cuerpo a las raíces*

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-991980-1-4

1. Ciclo menstrual 2. Herbários 3. Medicina natural 4. Mulheres - Sexualidade 5. Plantas comestíveis 6. Plantas medicinais 7. Relatos pessoais 8. Saúde reprodutiva I. Cheuquela, Inés. II. Cerpa, Carla. III. Título.

23-163557

CDD-613.04244

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Supervisora e coordenadora da pesquisa: Pabla San Martín

Copeteadoras: Inés Cheuquela Bradasic e Carla Cerpa Videla

Assessor em plantas medicinais e saúde natural: Orlando Ramírez Jara

Edição e diagramação: Meli Wortman

Produção editorial e revisão: Liz Tibau

Preparação de texto: Laura Mogadouro Duarte e Cecília Castro

Revisão de prova: Cecília Castro

Revisão botânica da edição brasileira: Leonor do Nascimento

Ilustradoras: Katie Schelly e Sol Suárez

Primeira edição em espanhol: equinócio de primavera 2011

Segunda edição em espanhol: equinócio de primavera 2017

Primeira edição em português: solstício de inverno 2023

www.ginecosofiabrasil.com.br // brasil@ginecosofia.com

Licença Creative Commons: Atribuição – Não comercial – Sem derivação 4.0 Internacional

Esta é uma publicação autogerida. Por favor, ajude-nos a expandir esta rede para continuar pesquisando e publicando, através da compra da edição legal.

do **corpo**
às **raízes**

Uso de plantas medicinais para
a saúde sexual e reprodutiva

PABLA SAN MARTÍN

INÉS CHEUQUELAF

CARLA CERPA

Tradução

ALINE VEINGARTNER

PRIMEIRA EDIÇÃO

Este livro utiliza o gênero feminino para se referir às pessoas que o leem. No entanto, não está destinado apenas às mulheres cisgênero. Pode ser utilizado por qualquer pessoa que queira se aprofundar no ciclo menstrual e seus movimentos hormonais. Estamos em um processo de aprendizagem inesgotável e sabemos que ainda há muito por transformar juntas na construção de uma saúde comunitária feminista e para todes.

Sumário

Boas-vindas	11
Prólogo	13
Nota da edição brasileira	15
CAPÍTULO 1. Na memória das mulheres	
<i>O projeto</i>	17
A busca	19
A colheita	20
As plantas medicinais no Chile	22
Curandeiras, curadoras e bruxas: tradição de mulheres	24
Saúde, corpo e modernidade	26
CAPÍTULO 2. Percorrendo ciclos	
<i>Nos corpos e nas plantas</i>	29
A relação com a medicina	31
A menstruação	32
Gestação	44
Parto	48
Pós-parto, lactação e puerpério	53
Relatos de nascimentos	61

CAPÍTULO 3. **Bem-estar sexual e reprodutivo**

<i>De incômodos a doenças comuns</i>	65
Câncer	67
Ovário policístico	69
Infecções e fungos	70
Infecções urinárias	73
Herpes	76
Hemorroidas	77
Verrugas	78
Gonorreia	79
Sífilis	79
Vírus de Imunodeficiência Humana (HIV)	81
Autonomia dos nossos corpos	83

CAPÍTULO 4. **Tradição oral**

<i>Herança e preservação do conhecimento</i>	87
Como aprenderam seus saberes	89
Transmissão do conhecimento	91
Relação das mulheres com a Natureza	92
Uso de plantas para a saúde na atualidade	94
Por que o uso das plantas foi esquecido	96
Doenças mais frequentes e suas interpretações	98
Da planta silvestre às terapias naturais modernas	100

CAPÍTULO 5. Alimentação e plantas silvestres comestíveis
Receitas campesinas 103

Receitário de ervas daninhas e plantas silvestres comestíveis	108
---	-----

CAPÍTULO 6. Plantas medicinais
Cultivo, colheita e preparação 119

Usos e aplicações das plantas medicinais	124
Preparação das plantas medicinais	125

CAPÍTULO 7. Relatos de vida
Conservar a história 133

<i>Marta Leiva.</i> Conservar o conhecimento na linhagem feminina da família	135
<i>Victoria Nieto.</i> O poder mágico das ervas	137
<i>Carina Curaqueo.</i> Aplicação de ervas medicinais em cosmética natural	139
<i>Silvia González Caneo.</i> Transmitir o conhecimento ancestral a pacientes de um consultório	141

ANEXO 1. Herbário 143

ANEXO 2. Herbário medicinal do Brasil 157

ANEXO 3. Glossário médico 175

ANEXO 4. Fichas ilustradas de plantas 181

Bibliografia 203



Boas-vindas

 conservação e difusão do conhecimento ancestral de mulheres sábias sobre o uso de plantas medicinais são a principal motivação da publicação que você tem em mãos agora. Pensamos neste trabalho devido à urgente necessidade de recuperar a saúde e a autonomia dos nossos corpos. O primeiro passo para isso é adquirir esses saberes, que não pertencem a nenhuma instituição, livro ou academia, porque habitam a memória dos povos e se mantiveram na cultura graças à tradição oral.

Nossos corpos são só nossos e, à medida que os conhecemos e valorizamos, podemos nos empoderar deles. Compreender nossos ciclos, com seus processos emocionais e físicos, combinados com a sabedoria do herbalismo popular, pode ser uma grande vantagem na hora de curar certos mal-estares e doenças de forma natural. Além disso, se cultivamos ou colhemos as ervas necessárias, este é um método muito acessível – economicamente falando.

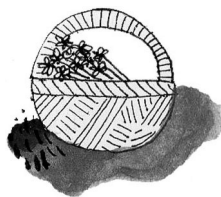
A medicina alopática – e, como consequência, também a indústria farmacêutica – tratou especialmente os corpos das mulheres e das dissidências sexuais como territórios de experimentação e controle. A fragmentação que a ciência provocou sobre os corpos e suas doenças fez com que a medicina esquecesse o impacto de fatores tão relevantes como o equilíbrio entre o descanso e o trabalho, a alimentação, as emoções, entre outros, focando apenas nos sintomas particulares, mas não abordando a problemática em sua complexidade ou em sua real origem.

Acreditamos que a saúde é um estado geral de bem-estar que tem múltiplas implicações no corpo, na mente e no espírito (espaços indivisíveis) e a partir dos quais nos relacionamos com outros seres com base na reciprocidade e no respeito, em comunhão com a Natureza.

Nossas entrevistadas dão conta dessa ideia. Estamos seguras de que as práticas e os saberes tradicionais sobre o uso das plantas medicinais são uma forma política de nos relacionarmos com nossos corpos e com todos os corpos, a fim de nos aproximarmos do entendimento sobre nossa saúde.

Nesse sentido, a recuperação desses saberes e da memória dos povos nos faz conectar com uma história em comum, uma história que nos fala de outras possibilidades de relacionamentos, a partir da liberdade, do autoconhecimento, do respeito pelos ciclos e da conexão com a Terra. Recordar nossos saberes e identificar as pegadas de nossos antepassados é um ato de consciência que nos outorga um profundo poder: o de criar e recriar juntas uma nova história.

Estamos todes convidadas a seguir a trajetória do autoconhecimento de nossos corpos/territórios. Esperamos que este trabalho possa ser o início ou a continuidade deste caminho.



Prólogo

Todo o processo de pesquisa deste livro foi realizado durante o ano de 2010. O livro foi publicado pela primeira vez em 2011 e realizamos uma segunda edição (em espanhol) em 2017, na qual adicionamos mais informações. Já se passaram treze anos desde que iniciamos este caminho e fico alegre em saber que estas letras que escrevo no quintal da minha casa serão lidas em português, e muito longe daqui. Este livro é o resultado de conversas que duraram muitos meses com mulheres rurais e indígenas, e, ao mesmo tempo, a prova de como desafiamos (sem querer) as normas ou os cânones do que deve ser um livro “de sucesso”. O que aparentemente seria uma publicação sem maior interesse acabou se tornando um trabalho significativo e transformador para muitas pessoas.

Este projeto partiu de inquietações pessoais de resguardar os relatos e os saberes em torno da saúde popular na vida sexual e/ou reprodutiva das mulheres no Valle de Marga Marga, localizado na zona central do Chile, onde residíamos nesse momento com Inés Cheuquelaf, mulher indígena mapuche, pesquisadora e jornalista, que já trabalhava há muitos anos com temáticas de gênero. Juntas pensamos em trabalhar com algumas vizinhas do nosso vale para aprender e recuperar os conhecimentos que elas podiam compartilhar conosco. Com o tempo, conhecemos Carla Cerpa, antropóloga feminista e ativista com vasta experiência em pesquisas de gênero e espiritualidade.

Aconteceu de compartilharmos o mesmo quarto no Primeiro Encontro de Feminismo Jovem na cidade de Concepción, em 2010, ao qual fomos com Inés como expositoras e oficineiras, e foi então que nasceu a magia e a vontade de cocriar. O processo

colaborativo de pesquisa – ainda que agitado – foi radiante. Puérpera, eu levava um bebê de 4 meses pendurado na teta, que me acompanhou para conhecer inspiradores relatos de mulheres que amavam a Terra, que viviam orgulhosas de seus saberes e das memórias transmitidas por suas ancestrais. Cada uma de nós, com sua audácia intuitiva, foi rememorando a sabedoria interna de cada entrevistada em sua casa, compartilhando um mate na cozinha, junto a sua horta, suas flores e seus animais. Em cada mulher abrimos um espaço que permanecia no esquecimento, e muitas não tinham consciência de todo o saber que emanava de suas narrativas, aparentemente tão simples, mas que transbordavam essa maestria única que, para nós, não deveria, nem deve, continuar se perdendo. Foi um total de 10 meses de um trabalho fascinante, submersas no mundo do herbalismo popular e das peculiares evocações de cada entrevistada, junto de suas mães, tias e avós, vasculhando recordações carregadas de amor e perseverança. Acessar cada percepção de mundo, corpo, saúde e prazer em seus relatos ia se tornando para nós um ato político de compreender onde estávamos vivendo e nossa missão na passagem por aquele vale.

Voltamos a publicar este lindo material, agora em português, para não deixar de mexer o caldeirão das sábias, daquelas esquecidas que sempre cuidaram e curaram com seus alimentos em suas alquímicas cozinhas, mantendo vigente a memória das antigas, para *recordar* – do latim “voltar a passar pelo coração” – as histórias carregadas de conhecimento que hoje são tesouros, como bosques, como a água, como animais e como a própria Terra que temos que proteger.

PABLA SAN MARTÍN
Equinócio de primavera, 2021

Nota da edição brasileira



Na tradução para o português, buscamos colocar os nomes populares das plantas do Brasil, que em sua maioria são facilmente encontradas em nosso território. As plantas do Chile e da região andina, no entanto, que não encontramos na nossa flora medicinal e que não possuem nome em português, foram mantidas com seu nome popular original, com a marca « », seguidas de seu nome científico, na primeira vez que aparecem no texto, para que possam ser facilmente pesquisadas.

Apesar das diferenças climáticas e ambientais, a grande maioria das ervas citadas ao longo do livro são encontradas em toda a América do Sul, pois a maioria delas foram introduzidas, ou seja, não são nativas da região. Isso remonta a nossa história de colonização, em que uma grande variedade de espécies foi trazida, principalmente da Europa e Ásia, e aqui prosperaram.

Além disso, para seguirmos aprofundando nossa investigação acerca do herbalismo popular, criamos um novo capítulo (anexo 2) em que oferecemos algumas sugestões de ervas e plantas existentes no Brasil que possuem propriedades semelhantes às citadas no livro.

Selecionamos plantas que são velhas conhecidas da nossa medicina caseira e popular, e que também possuem respaldo científico para o uso medicinal, assim como indicado na bibliografia, que pode ser consultada para mais informações.

As notas de rodapé da edição brasileira estão acompanhadas da marca “N da E.”, e são de autoria da equipe de tradução e da própria autora, Pabla San Martín, para melhor compreensão do texto. O restante das notas estão numeradas como no original.

Desejamos um mergulho profundo e transformador!

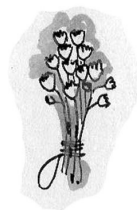




CAPÍTULO 1

Na memória das mulheres
O projeto





A busca

Este material educativo é o resultado de uma pesquisa realizada durante os meses de março a novembro de 2011 na província de Marga Marga, na região de Valparaíso, Chile.

Durante a pesquisa, mais de trinta mulheres foram entrevistadas sobre o uso de plantas medicinais para o tratamento de doenças e mal-estares em torno de sua saúde sexual e/ou reprodutiva. No entanto, a partir dessa temática foi emergindo uma série de outros assuntos associados aos cuidados da saúde, além de suas insondáveis histórias de vida e aprendizagem em torno do herbalismo tradicional.

A finalidade desta publicação foi reconhecer, preservar e colocar em circulação esse conhecimento, com a intenção de difundi-lo entre outras pessoas, em especial mulheres de todas as idades.

Em nossos encontros, abordamos basicamente os seguintes temas: ciclo menstrual, problemas sexuais e reprodutivos, alimentação, transmissão de conhecimento, colheita, uso e aplicação das ervas medicinais.

A maioria das nossas entrevistadas vive em zonas rurais do Chile, como Olmué, Limache, Villa Alemana e Quilpué. Contudo, grande parte delas viveu sua infância em zonas ainda mais campestinas, o que permitiu que as plantas fossem um recurso medicinal próximo e cotidiano em suas vidas. Esse saber recai principalmente nas figuras femininas de suas linhagens familiares, e a tradição oral costuma ser a base para a transmissão desse tipo de conhecimento.

Atualmente, essas mulheres mantêm hortas caseiras em suas casas e adquirem em lojas de ervas, mercados ou feiras as plantas medicinais que não encontram em seus próprios jardins. Apenas algumas nativas saem para colhê-las em cerros e quebradas da região. Esta é uma diferença significativa em relação a suas mães, tias e avós, que, por tradição, colhiam em lugares selvagens, secavam e guardavam as plantas em cada estação como um hábito que acompanhava suas vidas.

Pela conexão que essas mulheres têm com a saúde e as plantas medicinais, várias delas desenvolvem alguma atividade próxima à medicina natural. São erveiras, aromaterapeutas, terapeutas de Florais de Bach, de Reiki e fabricantes de cosméticos naturais e de absorventes ecológicos, entre outros produtos. Esse caminho voltado para as práticas naturais é a forma que nossas mulheres encontraram para validar, preservar e dar um sentido atual aos conhecimentos ancestrais.

A colheita

Durante a pesquisa, indagamos sobre doenças ginecológicas, e grande parte das respostas associava esses mal-estares a problemas emocionais. Por isso, não é estranho que, entre os sintomas mais frequentes, tenham sido mencionados: nervosismo, depressão, ansiedade, falta de sono etc. Estes produzem uma baixa nas defesas do organismo que conduz a doenças, tais como infecções urinárias, desordens menstruais, fungos vaginais, estresse e cólon irritável.

Constatamos, mais uma vez, que a saúde sexual e reprodutiva vai muito além do aspecto propriamente genital-ginecológico, já que abarca a totalidade do ser. Por isso, insistimos que os tratamentos medicinais devem ser práticas integrais que considerem tanto os planos físicos como os espirituais a serem recuperados.

Como pudemos estabelecer quais são as plantas mais utilizadas pelas mulheres para seus incômodos de tipo sexual e/ou reprodutivo, criamos uma lista de dez plantas medicinais que foram selecionadas, definidas e representadas por meio de uma ilustração botânica ao final deste livro: passiflora, camomila, sálvia, framboesa, erva-doce, «matico», borragem, tanchagem, babosa e orégano.

Também foi realizada uma série de conversas com a Agrupación de Mujeres de Olmué (AMO),¹ que nos relataram como era alheio e invasivo para elas o trato clínico durante seus partos em instituições, em comparação com os de antigamente, assistidos em casa, pois elas viveram essa transição da medicina no Chile. Também evidenciamos em seus relatos a falta de informação quanto à educação sexual, que deveria ser provida pelas autoridades médicas e sanitárias, nas salas de aula e, inicialmente, pelas próprias famílias. Dessa forma, essas mulheres se sentiram expostas desde a infância a um tratamento despersonalizado e frívolo para com seus corpos.

Nossas entrevistadas comentaram que veem um ressurgimento desses saberes e conhecimentos ancestrais e refletiram criticamente sobre uma época em que a indústria farmacêutica cresceu desmedidamente até permitir que a automedicação fosse parte de uma realidade cotidiana.

Esse retorno à medicina natural acarreta uma mudança nos tempos destinados à recuperação da saúde. Na atualidade, a vida urbana promove a busca de soluções mais rápidas, e a imediatéz que a indústria médico-farmacêutica oferece é perfeita nesse contexto. Entretanto, as mulheres que habitam este livro apostam na revalorização dos saberes e tradições ancestrais para, assim, recuperar a autonomia sobre seus corpos.

¹ N. da E.: Um agrupamento de vizinhas; no Chile são muito comuns as associações de moradoras do bairro. Mulheres, geralmente mais velhas, que se reúnem para realizar diferentes atividades.

As plantas medicinais no Chile

Desde tempos imemoriais, as plantas medicinais foram aliadas da cura para o ser humano. Em diferentes culturas do mundo, são a forma de cura primordial até os dias de hoje, o que inclusive levou a Organização Mundial da Saúde (OMS) a afirmar que «75% da população mundial depende das plantas medicinais para suas necessidades básicas de saúde».²

Os conhecimentos que a população tem a respeito do uso de plantas medicinais foram recebidos por tradição oral e são produto de um sincretismo de saberes e culturas de cada território.

No Chile, contamos com uma grande variedade de climas, o que nos possibilita acessar uma flora muito diversa. As plantas se adaptaram a climas extremos, do deserto, ao norte, aos bosques do sul, e a condições muito adversas, de modo que podem se reproduzir com facilidade em diferentes ambientes.³

A flora chilena conta com um total de 5.215 espécies de plantas conhecidas. Muitas delas florescem de maneira silvestre em terrenos baldios, quebradas e montanhas. Sua preservação é essencial para nossa vida e a de todo nosso ecossistema. Por isso, recomendamos para a colheita pegar apenas a quantidade necessária e esperar que o resto brote para que cada planta continue sua propagação natural.

A investigação apresentada neste livro foi realizada na região de Valparaíso, que se destaca por ter um clima privilegiado para a agricultura, ao redor de vales férteis, a costa e a Cordilheira dos Andes. É ali onde se localiza a província de Marga Marga, uma região muito produtiva de frutas, verduras e hortaliças,

² MELLADO, V. Un panorama sobre el universo de las plantas medicinales. In: DANNEMANN, M. *¿Qué es ser Yerbatero hoy en Chile?* Santiago de Chile: FUCOA, 2010.

³ Disponível em: <http://www.chileflora.com/Florachilena/FloraSpanish/SFlora.htm>. Acesso em: 30 de outubro de 2021.

que tem, ainda, uma grande variedade de vegetação nativa e introduzida. É muito frequente ver acácias, boldos, «peumos» (*Cryptocarya alba*), pés de espinheira-santa, aroeira-brava, «quilas» (*Chusquea quila*), «pataguas» (*Crinodendron patagua*), «bellotos» (*Beilschmiedia berteriana*) e quilaia, entre outros, além de se observar uma grande variedade de árvores, arbustos, palmeiras, plantas e espécies que são encontradas nos arredores e, em grande quantidade, na Reserva Natural Parque Nacional de La Campana, localizada em Olmué.⁴ Ricardo Rozzi e Francisca Massardo afirmam, em um artigo sobre biodiversidade na flora nativa chilena, que «51,5% (2630 espécies) são endêmicas, ou seja, que têm sua origem exclusivamente no Chile, o que torna a flora nacional particularmente interessante e importante do ponto de vista de seu conhecimento, conservação e valorização como patrimônio».⁵

Percorrendo a região, em suas ruas, caminhos, quebradas, açudes e colinas, é muito fácil se deparar, na primavera, com muitas ervas medicinais que nascem de maneira silvestre, como a camomila, erva-de-santa-maria, «palqui» (*Cestrum parqui*), borragem, marroio, tanchagem e muitas outras. Também é comum se deparar com uma planta de arruda em muitas das entradas principais de casas e armazéns, já que é usada com fins mágicos, como protetora, para evitar as más vibrações, o mau-olhado e atrair abundância. O mesmo acontece ao ver cruzeiros de «palqui» embrulhadas em lã vermelha atrás das portas das casas. Nesses usos, vislumbramos um conhecimento popular por parte da população sobre as ervas, ao empregá-las com fins tanto medicinais e protetores quanto alimentícios.

⁴ Em 15 de fevereiro de 1985, o Parque Nacional La Campana foi declarado Reserva da Biosfera pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) por sua importância ecológica, científica, educativa, cultural e recreacional. Constitui uma das oito Reservas da Biosfera que existem no Chile.

⁵ ROZZI, R.; MASSARDO, F. Valoración de la biodiversidad: usos medicinales de la flora nativa chilena. *Ambiente y Desarrollo*, 12, 3, p. 76-81, 1996 (tradução nossa).

Curandeiras, curadoras e bruxas: tradição de mulheres

Desde tempos remotos, as mulheres têm uma forte conexão com a Natureza, ao trabalharem a terra e adquirirem atávicos saberes na aplicação do herbalismo tradicional. As mulheres que se dedicavam mais profundamente a trabalhos de cura foram associadas popularmente a práticas «obscuras» de feitiçaria ou bruxaria, vistas de um modo pejorativo, o que, historicamente, foi uma deformação desfavorável de seu papel fundamental na sociedade.

“Elas foram as primeiras médicas e anatomistas da história ocidental. Sabiam induzir abortos e atuavam como enfermeiras e conselheiras. As mulheres foram as primeiras farmacólogas, com seus cultivos de ervas medicinais e os segredos de suas práticas transmitidos de umas às outras. E foram também parteiras que iam de casa em casa e de povoado em povoado. Durante séculos, as mulheres foram médicas sem diploma. Excluídas dos livros e da ciência oficial, aprendiam umas das outras e transmitiam suas experiências entre vizinhas ou de mãe para filha. As pessoas do povoado as chamavam ‘mulheres sábias’, ainda que para as autoridades fossem bruxas ou charlatãs.”⁶

Entretanto, vemos que esses saberes estão, por sua vez, depositados na memória coletiva de muitas mulheres que não necessariamente atuaram como curandeiras, curadoras ou parteiras. Acreditamos que isso se deve a um papel histórico patriarcal, em que foram as mulheres as que se dedicaram ao cuidado de outras pessoas, fossem estas suas descendentes, suas antecessoras, familiares doentes etc. Foi o gênero feminino o que sempre se encarregou do invisibilizado ato de *cuidar* e, nessa faceta, foi desenvolvendo inevitavelmente as destrezas de curar. Por isso, não é muito difícil encontrar, em um diálogo com mulheres mais velhas, muitos saberes desse tipo.

⁶ EHRENRICH, B.; ENGLISH, D. *Brujas, parteras y enfermeras: una historia de sanadoras*. Barcelona: La Sal, [1973] 1981, p. 4 (tradução nossa).

Atualmente, as curandeiras, rezadeiras, consertadoras de ossos⁷ e parteiras tradicionais são as personagens mais próximas aos antigos papéis de cura e cuidado da saúde que se mantêm viáveis em diversas zonas rurais e, ainda mais, em localidades indígenas e de povos tradicionais. Contudo, esses ofícios são menosprezados e vistos com desconfiança pela medicina oficial e pela sociedade em geral, sem que se compreenda sua transcendência, seu valor e legado.

A história ocidental nos demonstra que o começo da perda de tais saberes ancestrais remonta ao modelo que teve lugar nas universidades durante o Renascimento. Nesse contexto, o conhecimento se inclinou para a ciência, e o valor dos saberes tradicionais foi subtraído. Todo o conhecimento recaiu exclusivamente nas mãos de homens, e os corpos das mulheres, com todos os seus misteriosos processos cíclicos e reprodutivos, transformaram-se em um território de experimentação para a medicina moderna. A essa razão se somam causas religiosas. As portadoras desses saberes – curandeiras e bruxas – foram processadas pela Inquisição e Igreja Católica, perseguidas pelo conhecimento oficial, que começava a se configurar enquanto instituição. Seus saberes foram sendo menosprezados, «demonizados» e confinados ao domínio do segredo. De qualquer modo, muitos foram conservados graças à transmissão oral, de geração em geração, entre essas mulheres, que recorriam a esses saberes quando necessitavam curar certos mal-estares ou simplesmente decidir sobre seus corpos, como quando necessitavam assistência para um parto ou um aborto.

Com a normalização do saber, o corpo das mulheres passou a ser o corpo do «outro»: do médico, do padre, do marido... no fim das contas, da ordem patriarcal.

⁷ N. da E.: Do espanhol “componedoras de huesos”. É a pessoa especialista, conhecedora da forma, funções e posição dos ossos, com uma grande habilidade na avaliação palpatória e de manobras que permitem recompô-los quando sofrem fraturas, torceduras ou outro tipo de problema. Disponível em: <https://www.sigpa.cl/ficha-elemento/componedores-de-huesos-en-tirua>. Acesso em: 30 de outubro de 2021.

Foi assim que, há mais de quinhentos anos, chegaram ao nosso continente essas estruturas religiosas e de pensamento que levaram ao declive dos saberes ancestrais dos povos indígenas do nosso território. Estes se viram frente a um genocídio, com a escravidão e as novas doenças. Demonizados apenas por existir, os povos preservaram muitos saberes que se mantêm vigentes até hoje. Outros foram plasmados por sacerdotes, jesuítas, que desenvolveram uma grande quantidade de literatura sobre herbalismo e botânica medicinal, aprendida de suas experiências com nossos povos. Daquele sincretismo, nasce uma nova geração mestiça de curandeiras, ainda que sempre atuando com o temor de serem processadas por bruxaria.

Apesar de tudo, vemos que esse ofício continua vivo na memória de muitas pessoas e comunidades. A maior parte delas são indígenas, quilombolas, camponesas, comunidades de diferentes tradições que conhecem de primeira mão as propriedades das ervas medicinais e seu poder transmutador, portadoras de uma espécie de diálogo silencioso e extraviado entre o corpo e a terra em meio à modernidade.

Saúde, corpo e modernidade

O uso de plantas medicinais está diretamente relacionado com a nossa concepção de *corpo*, a como nos relacionamos com o nosso e o que entendemos por *saúde*. Veremos a seguir que esses conceitos foram se modificando com o tempo e influenciaram o nosso cotidiano.

Devido aos processos modernizadores que afetaram o mundo inteiro, nas últimas décadas presenciamos aceleradas mudanças e transformações que tiveram impacto também nos corpos, já que «viver consiste em reduzir continuamente o mundo ao corpo, através do simbolismo que este encarna».⁸ Dessa maneira, a

⁸ LE BRETON, D. *Antropología del cuerpo y modernidad*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1995 (tradução nossa).

história, os contextos, as mudanças sociais e culturais vão marcando as representações sociais que existem em torno do corpo, seu valor, seus usos, as práticas e as relações ao seu redor. «O corpo é uma construção simbólica, não uma realidade em si mesma. Não é um dado indiscutível, mas o efeito de uma construção social e cultural».⁹

Além disso, o conceito de «corpo» está diretamente relacionado com a concepção de «pessoa». Esses termos são diferentes em cada momento histórico e em cada cultura, pois respondem a visões de mundo particulares. Assim, em sociedades de tipo comunitário não se distingue entre pessoa e corpo: são um todo, o corpo é concebido como um contínuo, em que o ser humano se confunde com o cosmos, a Natureza e a comunidade. «A imagem do corpo é uma imagem de si mesmo, nutrida pelas matérias-primas que compõem a Natureza, o cosmos; é uma sorte de indiferenciação».¹⁰ Nos relatos de nossas entrevistadas ainda encontramos reminiscências dessa noção de corpo. Por outro lado, nossas atuais concepções são regidas por um enfoque dualista, a partir do qual as pessoas sentem o corpo como um objeto, uma posse.

Essa concepção moderna do corpo é o resultado de processos históricos e mudanças culturais que foram transformando as maneiras de perceber a realidade. «Nossas atuais concepções do corpo estão vinculadas com a ascensão do individualismo como estrutura social, com a emergência de um pensamento racional positivo e laico sobre a Natureza, com a regressão das tradições populares locais e, também, com a história da medicina».¹¹ Nesse sentido, a medicina e a ciência biomédica ganharam grande relevância e se converteram em um dos marcos interpretativos que nos permitem explicar e compreender o mundo que nos rodeia. Claudia Bonan assinala que, na modernidade, «a Natureza física começa a ser entendida como algo que contém uma ‘essência’ regida por leis próprias, fixas e

⁹ Idem.

¹⁰ Idem.

¹¹ Idem.

imutáveis, e as ciências empíricas e analíticas reivindicam a si mesmas como a mais legítima fonte de conhecimento. Em consequência, o corpo e seus fenômenos são interpretados como pura materialidade física».¹²

O saber da medicina, somado ao desenvolvimento capitalista e às condições econômicas globais, influenciou as práticas locais e suas tradições em torno da saúde. Nos relatos das mulheres entrevistadas, podemos encontrar essa relação de tensão entre os saberes populares e ancestrais do uso de plantas medicinais e a intervenção da medicina e do uso de fármacos na vida das pessoas. Nas pequenas cidades da província coexistem e convivem ambos os saberes, o local-tradicional e o moderno-globalizado.

A partir de outro enfoque, feminista e de gênero, estudou-se como o corpo das mulheres foi especialmente um território de disputas de poder. «Historicamente, nós, mulheres, fomos alienadas da compreensão e do controle de nossos corpos, que foram um território ocupado por lutas e pelo poder, temores arquetípicos, violência, interesses demográficos e preocupações ambientais, mas sobre os quais, pouco a pouco, estamos retomando o controle, fazendo deste território nossa nação».¹³

Nesse sentido, recordar e preservar esse saber acerca do uso de plantas medicinais para uso ginecológico tem a intenção de recuperar a soberania sobre nossos próprios corpos. Repensar a forma como nos relacionamos com nosso ser físico/espiritual, e que relação estabelecemos com a Natureza que nos rodeia, permite ir recriando o vínculo com nós mesmas.

¹² BONAN, C. Sexualidad y reproducción en la era de los derechos. *Conspirando*, 37, p. 11-13, 2001 (tradução nossa).

¹³ PITANGUY, J. Sexualidad y salud. *ISIS Internacional*, 2, p. 55-61, 1993 (tradução nossa).